ANO 8.º — Sexta-feira, 17 de Dezembro de 1915 — NUMERO 401

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

(AVENÇA)

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Tem de ser

A's justificadissimas razões e á indiscutivel verdade com que aqui principiámos a discutir a grâve e imererecida injustiça com que desde o 14 de Maio se estão ferindo velhos republicanos, cometendo-se contra eles a mais violenta e imoral das ofensas, responde-nos a inalterabilidade da situação mantida pelo sr. governador civil que, pelos modos, parece colocar a sua pequenina pessoa acima de tudo quanto não seja a sua vontade, embora errada e má, sem outras preocupações.

Mas tal não póde ser e esta situação ilegalissima e anti-democratica não se póde manter sem que ela implique, perante o espirito publico, o mais completo e absoluto desmentido ás tradições do programa republicano, traduzidas na letra da Constituição e da Lei Organica do partido.

No caso presente, porém, ha mais alguma cousa do que isso: ha a suprema deliberação, o sagrado compromisso tomado pelos homens que fizéram e triunfaram duma revolução exclusivamente *realisada* para o restabelecimento da *lei* que uma coorte de assaltantes estupidos e retrogrados, todos os dias, numa provocação aviltante, rasgavam e ofendiam!

Pois sendo o sr. governador civil o representante do partido que se revolucionou, sacrificando preciosas existencias e banhando-se em sangue para a relisação da sua tarefa, como se entende que s. ex.ª se julgue autorisado, por sua vez, a praticar e manter um acto que briga em absoluto com o principio que representa?

A revolução não só anulou toda a obra legislativa da ditadura como reintegrou nos seus logares todos os funcionarios publicos que, ou por transferencias ou por demissões, deles tinham sido afastados.

Entre nós, comtudo, manchou-se indigna e aviltadouramente esse preceito respeitado e cumprido em toda a parte!

Aqui, o administrador do concelho que a ditadura afastou do seu logar, ha anos desempenhado honrada, patriotica e republicanamente, convidado então pela autoridade superior do distrito a retomar as suas funções após o restabelecimento da legalidade, interpoz-se e opoz-se a que assim acontecesse uma famosa comissão que arrogou a si poderes discricionarios e... ditatoriaes, assoprados precisamente por alguns dos seus membros que, na vespera, defendiam todos os atropelos cometidos por o governo atribiliario e despotico da ditadura.

Não levantamos logo a questão e dela não tratámos, como deviamos, por várias razões e entre elas a que mais preponderante reputamos: aguardar a chegada do novo governador que cértamente restabeleceria, sem vacilações, o imporio da Justiça e da Razão, em harmonia com o seu alto cargo e *criterio* correspondentes.

A nomeação do sr. dr. Sucêna, empregado do governo civil e ainda outras razões com que se justificava a demora na decisão do caso, foram-nos entretendo, não agradando comtudo a substituição do sr. dr. Sucêna pelo sr. Francisco da Encarnação, facto que só nos trouxe ao espirito os primeiros rebates de duvida e de indignação, que ainda calámos, com receio de que poderiamos prejudicar a resolução deste assunto que simples e naturalmente se resumia na antecipada convicção geral do bréve regresso de Filinto Feio ao desempenho das suas funções.

Era uma divida sagrada, uma divida de honra para o partido democratico, por ele tornada lei, a qual o sr. governador civil tinha o dever de realisar e cumprir.

Assim, o sr. dr. Eugenio Ribeiro, com aquela já celebre orientação politica de que o impregnou a magica cadeira da chefia do distrito, vendo agora de cima para baixo o que via de baixo para cima, protegendo, com grâve ofensa dos republicanos e dos principios democraticos, figadaes inimigos do regimen, irredutiveis adversários das instituições como o famigerado Visconde de Bustos e outros que têm perseguido, espesinhado e ofendido velhos e honestos democratas, mas, dizendo, comtudo, o sr. dr. Eugenio Ribeiro, que é o representante entre nós da revolução do 14 de Maio e das suas justas e sagradas deliberações—o sr. Eugenio Ribeiro, governador civil deste distrito, não cumpre com o mais importante, mandando reintegrar no seu logar o administrador que pela ditadura se afastou da respectiva repartição quando o respeito ao seu partido e a fidelidade á Constituição lho ordenam.

Assim se tem deixado passar tempo sobre a prática destes dois actos ilegalissimos: manter afastado violentamente do exercicio do seu cargo quem a ele tem todo o direito e justiça e permitindo que o empregado duma repartição acumule com as suas funções as daquele logar o que representa apenas uma imoralidade, muito peior que as praticadas no tempo do despotico franquismo, entre nós!

Não contente com a ofensa já feita á Justiça e á Lei, o sr. governador civil, além de calcar os direitos de quem arbitraria e ilegalissimamente continua ofendendo, empurrando-o, eternisa uma interinidade no exercicio de administrador, que, francamente, nada abona em proveito da linha recta, levantada e politica que s. ex.ª terá de desempenhar em harmonia com o seu cargo, se em verdade o compreende, peza e julga!

Com este e outros casos que principiam de alarmar o velho espirito republicano do distrito, vernos-emos na contingencia de leva-los ao conhecimento do respectivo ministro, chamando a sua particular atenção para este malfadado distrito sobre o qual peza a fatalidade brutal do destino, abrindo e sustentando, como soubermos e podermos, uma campanha incessante aos gritos de—**moralidade—justiça—democracia**—até que nos ouçam, até que se estabeleça de vez o principio de que acima dos homens está o respeito á Lei, como homenagem ás instituições, porque para as implantarmos tudo isso dissémos ao Povo e temos a obrigação, sr. governador civil, temos o indeclinavel dever de homens de palavra, sr. dr. Eugenio Ribeiro, de lhe não mentir, de o não enganar.

Este criterio é a maior homenagem que podemos e devemos prestar á Republica.

Teatro Aveirense

Voltaram no sábado á scêna as mesmas peças que, em beneficio de uma delegação da *Cruz Vermelha*, haviam sido levadas na anterior semana por alguns amadores desta cidade, tendo, porém, no programa do espectaculo de agora entrado um numero deveras apreciavel, qual fôsse a parte preenchida pelo violino de Manuel Calado, com acompanhamento pela sr.ª D. Maria Augusta e Almeida, ao piano, que o publico aplaudiu com extraordinario calor, obrigando o eximio artista á execução do *Saltadinho*, em troca da qual recebeu os mais justos aplausos.

A casa, posto que não estivésse á cunha, estava, no entanto, quasi toda passada.

Fala a historia

Como a quadrilha da Vera-Cruz apreciava os actos publicos do glorioso filho desta terra, José Estevam, ao lado de quem agora pede para ser colocado o retrato do regedor de Avanca

LIBÉLO

Em libélo acusatorio contra o réu José Estevam Coelho de Magalhães, diz a opinião publica pelo seu orgão de Aveiro o **Campeão das Provincias**

E. S. N.

1.º

P. Que o réu recebe desde longos anos o ordenado de lente da Escola Politecnica, sem funcionar.

2.º

P. Que egualmente tem recebido o soldo de oficial do exercito sem fazer serviço, desde longo tempo.

3.º

P. Que nessa qualidade tem subido postos até tenente coronel com grâve prejuizo dos seus camaradas.

4.º

P. Que tendo sido um dos mais decididos tribunos do partido setembrista, traíu os seus amigos politicos de 1851, passando com armas e bagagens para o campo em que se achava o duque de Saldanha que tinha, ainda ha pouco, metralhado, em Torres Vedras, as legiões populares.

5.º

P. Que nessas circunstancias, e em muitas outras, se aliou ao partido anti-dinastico, pedinlhe de chapeu na mão o auxilio eleitoral, sem o qual não sairía deputado; e por isso

6.º

P. Que quando se discutiu na câmara a questão do ensino, deu um testemunho publico de ingratidão, entalhando despresos na fronte daqueles a quem de joelhos pedira um beneficio.

7.º

P. Que, pelo facto de prestar um apoio cégo ao duque de Saldanha, incorreu egualmente na responsabilidade das desfeitas que então se fizéram ao sr. D. Fernando; e por isso

8.º

P. Que as barretadas que atualmente faz á dinastia reinante são serodias e não o absolvem da aludida responsabilidade.

9.º

P. Que tendo por muitos anos sido proprietario do jornal *A Revolução*, e redigindo-o na companhia do escritor do *Espectro* incorreu por isso na responsabilidade de tudo quanto naquelas duas folhas se escreveu contra os membros da atual dinastia e contra o atual presidente do conselho; e por isso

10.º

P. Que tendo vendido *A Revolução* e tendo-se passado com armas e bagagens para os historicos, a nova aliança importa uma traição e uma apostasia, sendo egualmente uma baixêsa os cumprimentos adulatorios que todos os dias faz a el-rei.

11.º

P. Que, sendo o réu proprietario da *Revolução*, se escreveu nela que o sr. Visconde de Sá era como os larapios de Londres.

12.º

P. Que, nessa mesma situação, lambeu os pés ao Conde de Tomar, apoiou a nomeação deste para ministro plenipotenciario no Brazil e declarou que estava então com os cabralistas como outr'ora estáva com os setembristas; e por isso

13.º

P. Que as verrinas que agora escreve contra o cabralismo não teem imputação alguma, porque, pela mesma razão, póde ámanhã estar com eles como esteve ontem com a regeneração.

14.º

P. Que apoiou as declarações salamanquinas, o celeberrimo contrato Erlonger, o habito a Vitali e *tuti quanti* a coligação se lembrou de pôr em prática, tendo-o por mentor.

15.º

P. Que logo que se reconciliou com o partido historico a primeira gentilêsa que praticou foi apear o Marquez de Loulé da dignidade de grão-mestre da Maçonaria, e propôr-se candidato áquele importante cargo; e por isso

16.º

P. Que isto importa uma nova traição a um cavalheiro no momento de se reconciliar com ele.

17.º

P. Que na sua ultima eleição cometeu em Aveiro tropelías e indecencias, que o *Português* castigou asperamente, chegando a asseverar que com o triunfo de tal candidatura tinham triunfado os moedeiros falsos.

18.º

P. Que por essa ocasião, segundo o testemunho do *Português*, cometeu a indignidade de ameaçar alguns eleitores com uma denuncia, que depositou nas mãos do subdelegado de Vagos, e portanto

19.º

P. Que semilhante procedimento, só por si, basta para desonrar eternamente o seu autor.

20.º

P. Que, achando-se o réu á testa do chamado partido novo, a famosa *delimitação dos campos politicos* é obra da sua cabeça exaltada; e por isso tendo sido apodado de reaccionario o sr. Alves Martins, o réu, que delimitava os campos, aceitando humildemente a nomeação daquele eclesiastico para bispo de Vizeu, cometeu um acto de baixêsa e servilismo que prova que a tal *delimitação* não passou de uma burla politica de ocasião.

21.º

P. Que tendo por esta fórma sofrido um cheque, por isso que o governo não fez caso da tal *delimitação*, comete um acto de subserviencia pegando ao andor daqueles que o desfeitearam.

22.º

P. Que nestes termos e nos de direito deve o réu ser condenado no tribunal da opinião, inflingindo-se-lhe o castigo do desprezo publico.

Rol das testemunhas

Todos os habitantes de Portugal.

Sucia de patifes. Canalhas. Biltres. Asquerosos pandilhas. Onde os haverá mais completos, mais petulantes, mais atrevidos. José Estevam nunca recebeu remunerações — ó, nunca!—porque era suficienmente honesto, por mais do que um emprego, pois bem sabia, melhor do que ninguem, o que as leis a ssse respeito estatuiam e ainda estatuem. Acusavam-o os bilontras da Vera Cruz de ter apostatado, quando José Estevam, homem duma só face, duma grandêsa moral jámais egualada entre os da sua geração, se conservou sempre fiel aos principios liberais, que defendia com extraordinario calor e brilhantismo, pois nunca conheceu

A questão de Esgueira

...Mas, ó sr. governador civil: eu terei de engulir este sapo, ou não?...

outro partido senão o da sua consciencia, motivo porque foi sempre coerente combatendo ora historicos, ora regeneradores com aquela independencia de caracter que o tornou grande entre as maiores figuras de Portugal, apezar da lama com que o pretenderam atingir os insignificantes desta terra, prontos a assacar-lhe as maiores calunias por conta dos amos que os traziam a soldo, como ainda o havemos de demonstrar no decorrer desta campanha em que andamos empenhados a favor das nobres tradições da nossa querida Aveiro.

Escravidões nunca as teve. Nunca conheceu essa degradação que leva o partido de A ou de B a calar todos os crimes e todas as infamias em obediencia á disciplina partidaria e por isso tudo combateu, tudo quanto era máu e pernicioso, tudo quanto não fosse justo e de interresse para o país, a que ele votava entranhado amor, não poupando os que pecavam, fosse quem fosse, sendo aí que reside o maior merito que a historia lhe reconhece.

Quanto a beneficios recebidos, basta dizer que José Estevam, que foi o primeiro cidadão deste país, morreu pobre. Mas pobre como Job e afastado das cumiadas do poder. Nunca bajulou a realêsa, antes a contrariou sempre que se lhe oferecia ensejo, aplicando-lhe os correctivos que a sua intervenção nos negocios publicos merecia que lhe fossem ajustados.

Como astro de extraordinaria grandêsa e não como satelite á roda dos insignificantes, viveu. No entretanto havia em Aveiro gente tão preversa, almas tão hediondas, jornalistas tão infames, que ousavam lançar sobre o nome imaculado do indomavel tribuno, só porque a ele se não podiam egualar em virtudes nem em talento, as mais afrontosas injurias, as suspeições mais indignas e aviltantes.

Disséram dele o que nunca ninguem disse do peor facinora. No *canudo* da Vera-Cruz, na *sentina* dos troca-tintas de toda a vida, o orgão encartado da corrupção, da estupidez e da mentira, foi que apareceram todas as acusações, todos os agravos, todas as calunias com que os abjectos adversarios de José Estevam se armavam para o abalar no seu grande prestigio. Sim, foi lá; é lá que se vê, na coleção do asqueroso pasquim, quanta razão nos assiste ao revoltarmo-nos contra o empenho manifestado agora pelos continuadores da obra jesuitica do falido conselheiro, mascarados hipocritamente de democraticos, pedindo á Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses para que ao lado do gigante da palavra, do maior liberal dos ultimos tempos, cujo retrato faz tenção de colocar no frontespicio da estação depois de concluidas as suas obras, e porque a ele exclusivamente se deve a passagem da linha por Avero, figure outro com a véra efigie do regedor de Avanca, que esta cidade por vezes exautorou ao ter conhecimento dos seus desmandos quando de posse dos cargos publicos que a politica luceanacea lhe confiava.

No nosso espirito não cabe que semelhante confronto se venha a fazer. Porém, tambem nós nunca julgámos que era crime apelidar de *souteneur*, de *escroc*, de escamoteador o que por processos vários e ilicitos carda a bolsa do seu semilhante, e já fomos condenados por isso; tambem nós nunca julgámos que ao patife, ao desvergonhado, ao hipocrita, ao tartufo era crime designa-lo pelos termos proprios, e já fomos condenados por isso. Por tanto, que admira que a Companhia dos Caminhos de Ferro ponha de parte a sinceridade das nossas palavras para atender ao pedido duma familia que á fina força se quer tornar ainda mais celebre do que já é, por descender dum celebre conselheiro, que foi deputado e par do reino, regedor e presidente da câmara, por desgraça dos municipes, e até governador civil substituto, tão festejado, que teve de ir, uma vez, para casa no meio duma força de cavalaria, seguido de toda a gente grada de Aveiro, que lhe arremeçava pedras e o apostrofava com os epitetos adquados á sua conduta moral e politica?

Ah! Mas nós não queremos ser péssimistas, não queremos fazer máus juizos de quem tal não merece. A' Companhia dos Caminhos de Ferro apresentaram um projecto que ela, na sua bôa fé, aceitou persuadida de que se tratava duma coisa legitima e não de simples manejos para a satisfação duma vaidade familiar.

Não lhe fica mal, reconsiderando, anular esse projecto. Por satisfação a nós, que nada valemos, que na opinião da *bôa imprensa* desta nossa muito amada terra somos uns *desqualificados* — nem queremos outros elogios da vossa penna, ó jornalistas das duzias, dignos continuadores da obra de Calinó!—uns *perversos*, que não deixâmos, aos miseraveis, governar a vida consoante as suas aptidões e habilidades? Não. Não queremos que a Companhia dos Caminhos de Ferro nos concêda essa honra. A nossa insignificancia não chega a tanto. Comtudo que ela se não deixe ir a reboque dos pescadores de aguas turvas, dos insultadores de José Estevam, que, vendo que as suas vozes não atingiram o céu, procuram por todas as fór nas e maneiras egualar o *benemerito conselheiro*, fundador do *Camaleão*, seu colaborador e presumido autor das ignobeis campanhas de descredito contra o intemerato paladino da Liberdade, a respeitavel figura que todo o país venera como uma das suas maiores glorias, e que, por um grande sentimento de amor aos principios que defendeu, aqui lhe estâmos a gritar alto, cheios de razão e em nome do direito que uma cidade, com fóros de civilisada, tem de não ser espezinhada por meia duzia de audaciosos aventureiros, para que reflita, mantendo-se superior ás manigancias dos exploradores que a parte intelectual, onde não perdura o servilismo, repele com indignação e nojo.

Nada mais.

POLITICA DISTRITAL

Em Anadia como cá

O sr. Governador Civil traindo a Democracia

Demonstrámos no numero passado de *O Democrata*, que o sr. dr. Eugenio Ribeiro está trabalhando para o aniquilamento do Partido Republicano Português de Anadia. Em Aveiro, em Oliveira de Azemeis, em Agueda e em Oliveira do Bairro, ao que já se sabe, está acontecendo o mesmo e, neste andar, se S. Ex.ª fôr teimoso em não ouvir a tempo os protestos dos verdadeiros republicanos, o partido democratico, em Aveiro, não se salvará pela vaidade e a inconsciencia do atual chefe do distrito.

A talassaria daqui e a de todo o país é a mesma coisa: só vive para odiar e para alimentar a esperança estulta e pacovia de destruir o partido democratico, ou pelo menos, obrigar os democraticos a transformarem-se em encubridores relapsos das suas hipocrisias e atentados contra a liberdade e o erario publico. A tatica dos detratores do Partido Republicano é uma tatica gerada e nascida nas alfurjas jesuiticas aonde foi educada a grande maioria dos nossos *Anfibios*. Ora não se póde admitir que uma autoridade do governo saído do nosso partido atraiçôe o mesmo partido que, se alguma coisa é e póde e é capaz de fazer para bem da nossa Patria, o deve a nós todos, republicanos, que merecemos o ódio tôrvo e viscoso dos pseudo-democraticos, dos *Anfibios*, que esta linda terra de Portugal tolera, e que uma prodigalidade sem limites desta bela Natureza fez para pertencer ao genero humano!

Que equivoco!

Pois é, infelizmente, inequivocamente verdade o que nós e *O Democrata* vimos dizendo. A suprema autoridade deste distrito, enfatuada ou nesciamente, está concorrendo para o aniquilamento do partido, no distrito de Aveiro, desse partido que é a maior razão de ser da Republica Portuguêsa.

* * *

Não queremos mal nenhum, não desejâmos nenhum mal ao sr. dr. Eugenio Ribeiro, ou a qualquer outro republicano, e tambem não odiamos os monarquicos, os pseudo-democraticos, os *Anfibios*, ou mesmo toda essa torva e mesquinha tropa jesuitica que se associou para estrangular a Republica e a Liberdade.

Ao sr. dr. Eugenio Ribeiro, queremos só bulir-lhe, para que S. Ex.ª acorde e dejecte, (lá vai termo nauseante) o narcótico que os monarquicos, os pseudo-democraticos e os *Anfibios* lhe infiltraram e que tanto lhe transtornou o cérebro.

Ao sr. dr. Eugenio Ribeiro, sem lhe querer mal, porque é um republicano, temos de bulir-lhe até que S. Ex.ª fuja de andar com tão más companhias, tão más que o estão guiando por um caminho direito ao aniquilamento do seu e nosso partido! Ao sr. dr. Eugenio Ribeiro, havemos de bulir-lhe até que o sr. Ministro do Interior remova o perigo que corre a politica democratica de Aveiro. Porque, não pódem os republicanos democraticos ficar silenciosos perante o mal que o sr. dr. Eugenio Ribeiro póde vir a fazer ao partido cujas intenções são a bem da nossa terra e da nossa Patria! Por isso, mais uma vez diremos ao sr. dr. Eugenio que S. Ex.ª está atualmente sendo o culpado dos monarquicos, os pseudo-republicanos e os *Anfibios*, de Anadia, cantarem de papo da maneira que estão cantando! Ao sr. dr. Eugenio fazemos mais uma vez ciente de que em Anadia, aqui na terra onde os procéssos de combate politico nunca foram tão cobardes e mizeraveis, ha pseudo-republicanos que meteram S. Ex.ª no papo, (lá vai mais plebeismo) e que isso está fazendo o peior mal ao Partido Democratico de Anadia. A S. Ex.ª, finalmente, previnem os democraticos do distrito de Aveiro, de que o tornam responsavel pela politica pouco decente que estão fazendo os falsos republicanos.

A. A. da Costa Neto

No charco, nós?

—=(*)=—

Os inegualaveis farçantes da Vera-Cruz, cuja vida, está demonstrado, é um estendal de mizerias, que vão da hipocrisia á falta de caracter, do suborno á traição e do impudor á gatunice, como todo Aveiro sabe, de longa data, pediram ao colega do *orgão dos taberneiros*, digno entre os mais dignos luminares da imprensa, que se tem nas tamancas de *levantar o nivel* com a mesma facilidade com que os escribas deitam abaixo meia canada do carrascão, para de lá nos esguichar as escorrencias das suas bebedeiras emparceirado com a malta, sua colaboradora, e vai de aí teem tão pouca vergonha que ainda falam na nossa ultima condenação conseguida á custa das maiores baixêsas a que só pódem descer criminosos natos, tendo o arrojo de publicarem a ultima parte, para eles muito importante, dos quesitos apresentados ao juri, por se tratar de uma... *desqualificação!*

Pelo menos é o que se vê, o que essa canalha vil apregoa na trombêta avinhada do fedor[illegible] o pasquim, enraivecida com a [illegible]ssa atitude perante a satisfação das suas vaidades, apopletica perante os aplausos que ao *Democrata* são dirigidos por cumprir um dever de honra, hasteando o pendão de revolta contra a infamia de, na liberal cidade de Aveiro, se pretender confundir dois vultos que nada teem de comum entre si.

Desqualificados? Sim seremos na vossa bôca e na daqueles que, sem independencia de caracter, sem brio, sem dignidade, se colocam ao lado dos furta-côres a quem precisam agradar, não vá fugir-lhes a protecção, visto que arvorados em *homens politicos*, *politicos republicanos e republicanos democraticos*, alguma coisa pódem, em seu beneficio, conseguir.

Por exemplo: livrar da cadeia os *escrocs*, metendo lá os que, com hombridade e altivez, denunciam ao publico os seus crimes, pondo-lhe ao sol as mazélas...

A ideia que eles fazem de *desqualificação!* Eles e o socio do *orgão dos taberneiros*, para quem apélam nos momentos criticos, a troco dum copo de vinho!...

Pobrecitos!

Lêr no proximo numero as nossas secções

Antiguidades

e uma nova carta sobre a ideia genial dos *bichêsas*, lembrando a colocação do retrato do regedor de Avanca no frontespicio da estação do caminho de ferro, ao lado do de José Estevam.

CAIXA DE PROTECÇÃO A PESCADORES INVALIDOS

—=(*)=—

A comissão revisora do regulamento emitiu o parecer de se lhe introduzir o principio do cooperativismo e torna-lo extensiva a todas as classes maritimas

Foi já oficialmente aprovado o regulamento da Caixa de Proteção a Pescadores Invalidos, creada pela lei orçamental de 31 de agosto do corrente ano.

Recordando a vida cheia de incertezas e de perigos dos que labutam no mar e no rio e tendo em conta a população numerosissima que á industria piscatoria se dedica no nosso país, não é licito negar o quanto de beneficioso e de humano uma tal caixa representa.

Segundo as estatisticas, o numero de pescadores, que em 1909 era de 26:767, elevou-se, em 1913, a 40:582. Essa numerosissima classe, cuja parca recompensa pelo seu arduo e util labor é de todos conhecida, tem vivido sem a assistencia, sem a protecção de que é digna pela quota parte com que contribue para a riqueza da nação.

E', pois, sobre essas 40:000 familias que o Estado vae estender a sua mão protetora, estabelecendo pensões áqueles dos seus membros que se tornem incapazes de trabalhar, já pela edade avançada que atingiram, já por deformidade fisica ou ruina de saude ocasionadas na sua arriscada labuta.

Ainda não é, só a esses, aos incapazes, que a caixa protegerá. Os indigentes, isto é aqueles que, trabalhando embora, tenham uma tão numerosa familia para sustentar que o que auferem não seja suficiente, teem egualmente direito a uma pensão da Caixa.

Essas pensões serão de 72$0[illegible] até aos 60 anos de edade e d[illegible] 84$00 dêssa edade para cim[illegible] e irão sendo concedidas n[illegible] proporção do fundo da Caix[illegible] e só áqueles que tenham com[illegible]pletado 30 anos de serviço sem quotisação alguma anterior.

O que constitue, então, [illegible] fundo da Caixa de Protecção [illegible] Pescadores Invalidos?—ocor[illegible]re perguntar. Além de subsidios, legados e dádivas, par[illegible] recolher os quaes vão ser afixados mealheiros nas capitanías e departamentos maritimos, o Estado contribue com todas as multas por transgressões maritimas, com o produto da sexta parte das licenças de pesca e ainda com a subvenção anual de seis contos.

A administração da Caix[illegible] será feita por um conselho composto de um presidente[illegible] dois vogaes, um tesoureiro [illegible] um secretário, nomeados pel[illegible] ministério da marinha.

A comissão especial que re[illegible]viu o regulamento da Caix[illegible] de Protecção a Pescadores In[illegible]validos, elaborado pela segun[illegible] da repartição da direção ger[illegible] da marinha, emitiu o parece[illegible] de que teria sido conveniente quer sob o ponto de vista mo[illegible]ral, quer sob o ponto de vist[illegible] material, introduzir-se o prin[illegible]cipio do cooperativismo. O ca[illegible]racter de simples assistencia que a lei lhe deu, poderá vi[illegible] a ser—pondéra a comissão—um incentivo ao descuido pe[illegible]lo futuro.

Pelo contrario, fomentaria entre a classe que pretend[illegible] proteger, o espirito da previ[illegible]dencia, se, mediante o paga[illegible]mento de uma determinad[illegible] quota, garantisse ao pescado[illegible] o direito de adquirir a reforma.

Segundo as estatisticas, h[illegible] dez mil pescadores entre a[illegible] edades de 21 e 40 anos. O[illegible] pagando a média de $60 p[illegible] ano, ter-se-ía mais uma verb[illegible] anual de seis contos para [illegible] fundo da Caixa.

A comissão revisora do re[illegible]gulamento emitiu tambem [illegible] parecer de que a lei deveri[illegible] ter estendido a protecção.

Notas mundanas

Vimos já na rua em via de completo restabelecimento do grâve desastre sofrido, o nosso velho amigo sr. Manuel Marques da Cunha, com o que devéras nos congratulâmos.

Depois de ter passado uma longa temporada na sua casa de Esgueira, seguiu para Lisboa, onde conta permanecer durante o inverno, o sr. José Tavares da Silva, importante capitalista e proprietario.

Acentuam-se tambem as melhoras da sr.ª D. Rosalina Alves Fontes.

Encontra-se nesta cidade, onde conta passar o Natal, o sr. Silverio da Rocha e Cunha, digno comandante da canhoneira Limpopo.

Concessão de diploma

Foi superiormente concedido ao nosso amigo, sr. Fortunato Mateus de Lima, o diploma de professor particutar de ensino secundario, que lhe permite leccionar matematica, sciencias e desenho, o que noutros anos já fez com a proficiencia que todos lhe reconhecem desde a abertura dos seus cursos nesta cidade.

Fortunato de Lima fê-lo registar já no liceu para os devidos efeitos, continuando a receber todos os alunos que se pretendam matricular nas referidas materias.

A' memoria DE FRANÇA BORGES

O Democrata, compenetrado de que honrar a memoria de França Borges, o intrepido director do *Mundo*, é honrar a memoria dum dos maiores demolidores da monarquia, obra que o 5 de Outubro completou levantando os alicerces duma nova Patria, apela para os sentimentos republicanos de todos os cidadãos, convidando-os a subscreverem para o monumento que se projecta erigir em Lisboa ao grande propagandista e extrenuo defensor das regalias sociaes.

Transporte	27$50
José Tavares Ferreira, Esgueira.	1$00
Antonio Maria Ferreira .	2$00
Soma	30$50

CONSAGRAÇÃO

Num dos dias desta se man[illegible] apareceu colado em todos os mi[illegible]torios da cidade o retrato do coléga e amigo do *Bichêsa*, que *levanta o nivel* no inconfundivel *orgão dos taberneiros*, sendo a original lembrança discutida em toda a parte pelo que ela traduz de significativo para aqueles que, como [illegible] *Bébes*, se querem salientar com tal imodestia, que toca as raias do ridiculo.

O que vale é que o publico v[illegible] tomando conta deles e por este a[illegible]ar não tardará que a ornamenta[illegible]m as paredes dos *W. C.* apare[illegible]am destes espcimens.

Confrontos necessários

Não ha condenações que aviltem quando a consciencia dum povo está com a Verdade

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, escrivão do 2.º oficio do juizo de direito da comarca de Aveiro:

Certifico, em cumprimento do douto despacho retro, que em meu poder e cartorio se acha arquivado um procésso crime por abuso de liberdade de imprensa, em que foi autor o dr. Manuel Pereira da Cruz, tenente medico miliciano e delegado de saude, de Aveiro, e réu Arnaldo Ribeiro, director e editor do jornal *O Democrata*, tambem de Aveiro, e dos mesmos autos consta, a folhas trezentas e trinta e uma verso, o quesito sob numero quarenta e um que é do teor seguinte:

A circunstancia atenuante de ter o arguido sido sempre um homem de bem e julgar-se incapaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vive, está ou não provada? Finalmente mais certifico que a resposta dada pelo juri a este quesito foi a seguinte: **Não está provado.** Que os quesitos estão devidamente assinados por todos os jurados que intervieram no julgamento da causa e que a sentença foi intimada e déla não houve recurso. Tem a data de cinco de agosto de mil nove centos e treze. Para constar mandei passar a presente certidão dos proprios autos, a que me reporte, em meu poder e cartorio. Aveiro, vinte e trez de novembro de mil nove centos e quinze. E eu Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, escrivão, que o subscrevi e assino. Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

(Do orgão dos taberneiros, acompanhando, com aquela *competencia tecnica* que caracterisa todos os escritos da firma *Bichêsa & C.ª*, um arrazoado de improperios com que se pretende atingir o nosso director.)

MENSAGEM

Ilustre cidadão Arnaldo Ribeiro, director do jornal *O Democrata*

De harmonia com a deliberação tomada na sessão que, em 26 de Maio ultimo, se efectuou nas salas do *Centro Escolar Republicano*, pelas comissões politicas deste concelho e cidadãos aveirenses filiados no Partido Republicano Português, vimos hoje, identificados comvôsco, trazer-vos todo o nosso apoio moral e politico assim como a prova da nossa mais inquebrantavel e publica solidariedade.

Ha condenações que dignificam e absolvições que aviltam e rebaixam!

Mantende sempre, ilustre cidadão, como até aqui, o vosso amôr e demonstrado empenho na defêsa dos bons principios de Moralidade e de Justiça com aquele desassombro e galhardia com que, até hoje, haveis lutado e é proprio de todo o patriota consciencioso e honrado, porque assim mais e mais vos erguereis perante a sociedade, que, ainda não corrupta, vos admira a audácia e a coragem.

Fostes condenado! Mas, perante a Consciencia Social, que nós representâmos, as vossas acusações não representaram mais do que a expressão nitida e fulminante da Verdade.

Por isso, aqui nos encontrâmos unidos nesta homenagem sincéra e modésta á vossa pessoa cujas nobres qualidades de caracter reconhecemos, e, aplaudindo a obra a que vos impozéstes na defêsa dos principios indispensaveis para a vida e grandêsa da Republica, aqui bem alto vimos declarar que **não sois capaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vivemos** e que é nobre a luta que encetastes contra os que, conspurcando o passado regimen com a prática de actos criminosos de toda a especie, se integráram na Republica para, a dentro dela, continuarem cometendo vilanías e infamias...

Aceitai, pois, cidadão Arnaldo Ribeiro, esta singéla homenagem que vos trazemos em nome de todos os cidadãos honrados e patriotas que comnosco protéstam contra as cosequencias para vós resultantes da campanha recentemente movida pelo *Democrata* que tão dignamente dirigis, e nesta hora amarga, para vós de dolorosa provação, lembrai-vos sempre de que **ha condenações que dignificam e absolvições que aviltam e rebaixam.**

Aveiro, 3 de Junho de 1913.

(*Seguem-se as assinaturas*)

(Lida por ocasião duma grandiosa manifestação de que foi alvo o nosso director, após a sua condenação no tribunal por *abuso de liberdade de imprensa*, que consistiu em desmascarar uma *alta personalidade* com largo cadastro no capitulo *escroqueries*.)

. . . .

A verdade é como o azeite, diz o povo, anda sempre á flôr de agua. E assim é.

Condenações de tribunais feitas por éssa instituição boçal—o juri—composto quasi sempre por creaturas que não sabem escrever um periodo com gramatica e—herança monarquica—manejando-se ao sabor das empenhocas, que vale isso para os homens de bem?

. . . .

Foi condenado o *Democrata!* Foi condenado Arnaldo Ribeiro!

Justiça do meu país, tribunais de Portugal!

A imprensa é vil e é mesquinha porque não se cala á voz dos senhores da terra e dos grandes da politica. Mas éla é bem nobre e bem augusta porque embora defenda a verdade que os tribunais acossam, olha de pé e sobranceira os tiranêtes faceis, que a perseguem.

Foi condenado o *Democrata!* Foi condenado Arnaldo Ribeiro! Pois á hora que recebemos a noticia, do intimo do peito e do fundo da nossa alma só um grito saíu e esse de glorificação, de aplauso veemente á campanha que Arnaldo Ribeiro iniciou no *Democrata*.

O *Democrata* patrioticamente ilucidou o país e todos podéram formar o seu juizo.

(Excértos dum longo artigo do *Pôvo de Agueda*, jornal de politica oposta á seguida pelo *Democrata*.)

escolhida colaboração que apresenta, honrando ao mesmo tempo o partido democratico, que o tem por orgão no distrito, e a Republica ao lado da qual se acha sempre que seja necessario defende-la dos ataques dos adversarios.

=Completou tambem 10 anos o *Leiria Ilustrada*, que na propaganda activa do credo republicano se tem mantido sem desfalecimentos desde que o seu fundador, Tito Larcher, entregou a sua direcção ás comissões politicas daquela cidade.

Cumprimentâmos afectuosamente ambos os colégas.

=Recebemos um numero unico—*Cinco de Outubro*—com que os republicanos de Manáus comemoraram o 5.º aniversário da Republica Portuguêsa.

E' ilustrado e traz variados e escolhidos artigos.

Agradecemos.

Lêr no proximo numero as nossas secções

Antiguidades

e uma nova carta sobre a ideia genial dos *bichêsas*, lembrando a colocação do retrato do regedor de Avanca no frontespicio da estação do caminho de ferro, ao lado do de José Estevam.

Até hoje ainda não nos consta que fôsse substituido o regedor de Esgueira, que o sr. governador civil se comprometeu a exonerar logo que se viu *enganado*.

Para quando guardará S. Ex.ª o cumprimento da sua palavra?

O XAROPE FAMEL
e a opinião medica

Ex.mo Sr.

Só hoje tive ensejo de lhe agradecer o seu Anuario Deligaat, e ao mesmo tempo os 2 frascos de **Xarope Famel** *que V. Ex.ª se dignou enviar-me a meu pedido, para eu tomar, para tratamento de uma terrivel constipação que trazia. Não cheguei a tomar os 2 frascos por inteiro, pois a tosse desapareceu-me por completo. Egual resultado tenho obtido com os doentes a quem o tenho prescrito.*

Poderá V. Ex.ª fazer publico dos resultados das minhas observações.

Sou, etc.,

(a) **Raymundo da Silva Mendes**

(Medico municipal)

Maiorca, 24—11.º—15—Figueira da Foz.

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro*

Acto distinto

Acaba de concluir o segundo ano da faculdade de direito na Universidade de Coimbra, obtendo uma distinção, o aplicado aluno daquele estabelecimento de ensino, sr. Jaime Ferreira da Encarnação Rebelo, filho dilecto do nosso amigo, sr. Eugenio Ferreira da Encarnação, digno contador da comarca de Vagos e antigo farmaceutico.

Ao estudioso mancebo e a seus bons paes, os nossos sincéros parabens.

CONCERTO

Informam-nos qne virá em bréve a esta cidade, onde realisará um concerto, o sr. Efisio Aneoda, distinto violinista, pois foi discipulo do insigne mestre Hans Sitt, considerado o primeiro professor de violino do mundo, o que para Aveiro, terra de amadores de musica, deve ser grato acolher tão honrosa visita.

Não está ainda designado o dia do concerto, mas é de supôr que Efisio Aneoda o realise ainda este mez.

O caso dos passaportes

Têve no sábado o seu epilogo no tribunal desta comarca, pelo julgamento dos implicados nele, que eram quatro empregados do governo civil e dois agentes de emigração, um de Espinho e outro do Porto.

A casa das audiencias encheu-se por completo, reconhecendo-se mais uma vez quanto ela é acanhada e a necessidade que ha de instalar as repartições de justiça num predio de mais vastas dimensões.

Dos advogados de defêsa salientou-se o novel bacharel portuense, sr. dr. José Domingues Santos, que proferiu um soberbo discurso de verdadeira surpresa para o auditorio, lavrando em seguida o meretissimo juiz a sentença absolutoria de todos os acusados visto no procésso volumoso que contra eles fôra instaurado pela Policia de Emigração Clandestina só haver muita parra e nenhuma uva, segundo demonstraram os seus patronos.

A audiencia terminou ao anoitecer.

PELA IMPRENSA

Com o seu numero da ultima semana encetou o nono ano de publicação *O Debate*, que em Santarem vê a luz semanalmente sob a direcção do sr. Tavares Ferreira.

O *Debate* é um jornal que honra a imprensa da provincia pela

Necrologia

Ao cabo de cruciante sofrimento, finou-se na passada terça-feira, pelas 17 horas, o honrado lavrador de Verdemilho, sr. Antonio Dias Pereira, pae estremoso dos nossos amigos Julio e Antonio Dias Pereira Junior, este ausente ha alguns anos em Manáus, E. U. do Brazil, onde a triste nova o vai surpreender, ferindo em pleno coração o seu amor de filho amantissimo, a quem acompanhamos, e á restante familia, no justo sentimento que ora compunge a todos.

O prestimoso cidadão contava 73 anos e o seu funeral, efectuado no dia seguinte debaixo de chuva, constituiu uma verdadeira homenagem prestada pelo povo da freguezia das Aradas ao seu velho conterraneo e saudoso amigo.

Que descance em paz.

* * *

Faleceu tambem em Agueda o quintanista de direito, sr. Fernando Ruela Candido, que, tendo-se sentido encomodado, seguiu de Coimbra em automovel para a sua residencia daquéla vila, onde chegou já moribundo.

A morte do infeliz moço foi geralmente sentida.

No 1.º de Dezembro

(Discurso da aluna da Escola Normal, D. Fernanda Ferreira da Silva, proferido por ocasião da festa comemorativa da independencia de Portugal.)

Minhas senhoras:
Meus senhores:
Colégas:

Sem intenção de acender ódios e separar nacionalidades a quem ligam interesses comuns, mas só com o sentimento patriotico de afirmar que desejâmos manter livre e independente a Patria que nos serviu de berço, todos nós devemos comemorar este dia tão grandioso para a nossa historia.

A revolução de 1 de Dezembro de 1640, para a qual trabalhou um punhado de fidalgos portuguêses que se prepararam a sacrificar as suas vidas no altar da Patria, escravizada pela nação que, durante 60 anos, nos vexou e oprimiu, é um desses factos que jámais deve desaparecer da memoria de um povo que sempre soube defender-se da ambição dos estranhos e que, á liberdade do torrão que herdou dos seus antepassados, dedicou sempre a sua energia e a sua coragem.

A liberdade da Patria, ha tanto tempo anciada pelo povo que tinha arrancado ao desconhecido tantas terras e devassado os máres nunca dantes navegados, resgatou-se finalmente no dia 1 de Dezembro de 1640.

A lenda de D. Sebastião, o rei encoberto, que todos esperavam vêr aparecer um dia e expulsar do trôno português o rei intruso, mantinha no povo a crença de que as horas do captiveiro haviam de acabar e nova aurora havia de raiar, iluminando a Patria livre.

Estudando a alma do povo, João Pinto Ribeiro, Sanches de Baêna e outros que se associaram para a patriotica emprêsa, não reciaram pelo bom resultado da conspiração.

Contavam com o povo cujo descontentamento era manifesto e que correspondeu á confiança qus nele tinham. O povo era português; os fidalgos é que se tinham vendido ao ouro espanhol. Em 1580, o povo tentou defender a liberdade; os nobres entregaram a Patria ao rei castelhano.

Era do povo que os conspiradores mais esperavam o apoio que a maioria dos nobres lhes recusaria.

E, porque o povo secundou os esforços dum grupo heroico que jogava a cabeça na emprêsa a que se abalançava, a revolução vingou, e a Patria querida de Camões, a Patria que tão grandes vultos sacrificou á civilisação, conquistou a liberdade usurpada pelos reis cas-

telhanos, vendida pelos traidores portuguêses.

Não deixemos desaparecer da memoria do povo as datas, como esta, gloriosas.

Para conservar esse amor da Patria no coração do povo e para que ele se não esqueça dos grandes acontecimentos da sua Historia, recordemos com festas as datas notaveis e os factos que nos enobreceram e de que nos orgulhâmos.

Para isso nos reunimos hoje aqui e organisamos esta comemoração modesta, mas significativa pela intenção patriotica.

Estamos aqui ligados pelo mesmo sentimento, e animados pela mesma aspiração.

Liga-nos o sagrado amor da Patria; anima-nos a generosa aspiração de a vermos gloriosa e respeitada.

* * *

O professor primario tem uma missão tão gloriosa como dificil a cumprir. E' dele que depende o futuro de Portugal, porque é nas mãos dele que está a educação da mocidade. E' a ele que está encarregada a missão de alimentar no povo que vai educar o amor da Patria e o interesse pelas questões de que depende a nossa prosperidade.

Cumprâmos nós todos com patriotismo a nossa nobre missão e teremos bem merecido da Patria que em nós confia.

A nós, professores, cabe a taréfa mais árdua.

A nossa missão é dupla: temos que exercer a nossa acção de educadoras como mães e como professoras.

Como mães, sigâmos o exemplo de Filipa de Vilhena e de Marisna de Lencastre que por suas proprias mãos armaram os filhos para a revolução de 1640, incitando-os ao cumprimento do dever. O amor maternal foi vencido pelo amor da Patria. Era incérto o resultado da emprêsa. Os filhos queridos iam talvez ser votados á morte, iam ser imolados á Liberdade; e foram elas, as mães, que recalcando o amor maternal, enxugando as lagrimas que lhes inundavam os olhos, cingiram os filhos estremecidos com a espada que eles deviam desembainhar em defêsa de Portugal. Sublime exemplo de amor de Patria que nunca devemos esquecer.

Como professoras, temos de educar as mães das gerações futuras. E' esta a missão mais delicada.

Criar a mãe de familia que saiba educar os seus filhos, fazer deles cidadãos prestimosos, seja qual fôr o campo em que exerçam a sua actividade, é, sem duvida, a mais sublime missão que temos a desempenhar. De nós depende o engrandecimento da Patria a que a Republica acaba de rasgar novos horisontes.

No dia em que nos fôr confiada a educação de dezenas de meninas, de futuras mães, meçâmos bem a responsabilidade do nosso cargo.

Não venhâmos para aqui simplesmente com o pensamento egoista de ter um dia logar á mesa do orçamento, tomando o cargo de professora como um pretexto para ganhar o ordenado grande ou pequeno que nos põe ao abrigo da miseria.

Encaremos a missão de frente e cumprâmos o dever sagrado a que nos obrigâmos; façâmos das crianças que nos confiarem o cidadão util á Patria e á Republica ou a mulher que saiba ser a educadora de seus filhos.

* * *

Recordando hoje o facto historico que nos libertou do jugo castelhano, não devemos esquecer o simbolo sagrado da Patria a que este dia é tambem dedicado.

Na nossa missão de professores, cumpre-nos desenvolver o culto da Bandeira que em qualquer parte que se encontre é para nós a Patria. Em qualquer parte que ela se hasteia, indica-nos que há ali um coração que pulsa como o nosso, alguem que fala a mesma lingua, que se banhou no mesmo rio, bebeu na mesma fonte, viu as mesmas arvores, ouviu cantar os mesmos passarinhos. A' sua sombra está alguem que é nosso irmão pelo sentimento, porque tem a mesma mãe comum. Para defender essa bandeira que para nós é a Patria, todos nos devemos agrupar. Deixa-la na mão de inimigos em quanto em Portugal existir um só dos seus filhos é renegar a Patria, entrega-la escravizada aos senhores que nos irão dominar. Façâmos dos nossos peitos muralhas em sua defêsa e deixemo-nos matar até ao ultimo, antes que mãos sacrilegas consigam tocar-lhe.

As suas côres traduzem bem o passado e o futuro de Portugal: no vermelho vemos o passado de um povo, que, com sangue proprio e alheio, tingiu terras longiquas para a civilisação; no verde, a esperança que nos anima do ressurgimento da Patria.

Ensinemos a venera-la, porque ensinamos a amar a Patria e a Republica.

Se soubermos cumprir a nossa missão, poderemos dizer com o entusiasmo de verdadeiros portuguêses:

Brade a Europa á terra inteira: Portugal não pereceu.
Viva a Patria!
Viva a Republica!

Lêr no proximo numero as nossas secções

Antiguidades

e uma nova carta sobre a ideia genial dos *bichêsas*, lembrando a colocação do retrato do regedor de Avanca no frontespicio da estação do caminho de ferro, ao lado de José Estevam.

CORRESPONDENCIAS

Rio Grande do Sul, 28 de Outubro

Toda a vez que me lembro, cá longe, da minha Patria e vejo a confraternisação dos seus filhos, o meu contentamento é tão grande, a minha satisfação é tanta que não posso furtar-me ao desejo de que ela seja conhecida de todos e muito especialmente dos meus patricios.

Em setembro ultimo os socios do Centro Republicano Português desta cidade foram cumprimentar os seus correligionarios da cidade de Pelotas e estes, em retribuição, vieram aqui visitar-nos no dia 24, sendo cumulados de tantas gentilezas que descreve-las é tarefa que as minhas forças não comportam se bem que o patriotismo de que foram revestidas as festas em honra dos nossos hospedes provém frisantemente o quanto é republicano o povo português que habita neste canto do Brazil. Basta afirmar-lhes que, como confraternisação, a festa a que vimos aludindo foi, sem duvida, a mais perfeita, a mais cordeal que se tem realisado entre os centros do Rio Grande e Pelotas.

Sinto não poder descrever tudo quanto os meus olhos presenciaram; contudo garanto que o dia 24 ficou gravado na memoria de todos os meus compatriotas, que dele se hão-de recordar sempre como um grande dia para a causa que defendemos.

=Contraiu matrimonio nesta cidade com a sr.ª D. Maria Rosa, filha dilecta do nosso compatriota e amigo, comerciante assaz acreditado na praça, sr. Manuel Gonçalves da Silva, o tambem nosso amigo, sr. Manuel Rodrigues V. de Carvalho, do logar do Carregal, desse concelho.

Este belo moço tem sabido pelo seu esforço e dedicação ao trabalho impôr-se á consideração não só de todos os patricios como egualmente dos cidadãos do Rio Grande, razão pela qual é querido de todos.

Eternas venturas.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 14

Vimos hoje com um duplo fim: pedir ao *Democrata* mais um cantinho para a nossa descolorida colaboração e agradecer ao seu ilustre director, republicano de rija tempera, indomavel lutador pela democracia, a desinteressada atenção que sempre dispensou á nossa justiceira causa que teve por lêma—combater os inimigos locaes da Republica.

Aos nossos correligionarios tambem queremos dar uma satisfação pelo nosso mutismo de ha tempos a esta parte, e—alegrai-vos carólas!—dizer-lhes que terminamos hoje as nossas considerações sobre a politica local, de que temos tratado sempre com imparcialidade e justiça.

Temos estado silenciosos por a isso nos ter obrigado o nosso estado de saude. Foi um castigo que nos fez baquear e por isso não mais queremos continuar nesta ou noutra qualquer campanha de saneamento da politica de Ois, que se nos depáre.

Estamos mesmo já a vêr os carólas, os caras de cortiça, os juizes de igreja, os sabados, os pedros, os afonsos, finalmente todos os saltimbancos reunidos na cripta de Santo Adrião e até o mesmo padroeiro, em volta do masmarro, tendo abraçado o falso deus ao qual pedem—como quem pede pão para a bôca—um castigo mais violento, completamente radical para o *Zé d'Ois*!

Mas deziludi-vos, comediantes mascarados, porque nós, habituados desde os bancos da escola a conspirar contra tudo o que represente tiranía e despotismo, conspiraremos *ainda e sempre* contra as vossas pseudo-preces, contra a vossa hipocrisia e contra o falso Deus.

Graças á nossa prática em combater traidores, mais uma vez sairemos ilezos dos vossos golpes de espadachins, mercenários!

Como diziamos, vamos abandonar as questões politicas locaes em virtude do tal castigo que nos foi imposto, não pelo falso Deus dos carólas, mas por um ser humano, positivamente, mas que nos não é dado conhecer.

Se assim não é, a logica então é uma batata!

O castigo a que nos reportamos, correligionarios, é a desilusão que de nós se apossou com justa razão.

Veja-se se não deve estar protegido o *masmarro*, visto que no dia de finados, segundo testemunhas fidedignas, **ordenou**, na igreja, que se *retirassem os que não eram fieis!*

Não sabemos em que sentido encarar este ultimatum. Parece-nos, porem, que se referia á parte religiosa. Seja como fôr, o cérto é que quem assim fala em casa alheia, onde está por favor—sim, porque a igreja não é propriedade dele, embora pareça—é porque está protegido e tem as costas quentes.

Eis o castigo—a desiluzão.

Se está protegido o ex-presioneiro do Alto do Duque, evidentemente que tal protecção não lhe póde ser dispensada senão pelo partido politico em que militamos, que é o unico em que reside a força, por ser o unico devidamente organisado e que identifica a aspiração do povo, mas que infelizmente—com lagrimas de sangue o confessamos—parece começar a esfacelar-se em virtude destes e analogos casos.

Visto isso não queremos mais lutar contra, talvez, correligionarios e amigos nossos. A não ser que o triunfo lhes saia trocado, declaramo-nos impotentes para lutar contra os vendilhões do templo que se chama--Republica.

Não se compreenda, contudo, que abandonamos o partido em que militamos. A ele pertencemos por convicção e nunca a outro. Por conseguinte, como é ainda este o mais avançado, nele continuaremos até que outro apareça devidamente organisado e com mais lactas aspirações.

Entretanto vamos tambem nutrindo a esperança de vêr fazer ao partido democratico qualquer amputação de que resulte ficar livre do cancro que o ameaça corroer.

Fazemos a declaração acima para que os monarquicos locaes, mascarados de evolucionistas e independentes, não se possam valer do que dito fica.

Terminamos, pois, no momento proprio em que deve começar a fazer-se politica nacional...

Zé d'Ois

N. da R.—Concordamos plenamente com o que diz o nosso correspondente.

O masmarro a que se refere, filho dum antigo *cacique* que a todos os partidos pertenceu, *in nomine*, e que realmente só pertence ao partido barriguista, deve pensar de fórma semelhante ao pae.

Esperem a sua adesão ao partido democratico e verão que ele fará o mesmo que o pae fez nas ultimas eleições que quando o julgavam um fervoroso democratico se passou para os camachistas por lhe arranjarem uma nova transferencia.

Quem sái aos seus não degenera, e por esse facto é que nós não deixâmos de encontrar cérta razão no amigo *Zé d'Ois*.